

Ensinando e Apreendendo

Paulo Ignácio Fonseca de Almeida

Presidente da 2ª Diretoria, Gestão 1979/1980
e Secretário da Comissão Provisória, 1978.

Chegamos a João Pessoa no segundo semestre de 1975, eu e Nancy, com quem me casara no último ano do curso de Engenharia do ITA. Naquele tempo, depois de formado em dezembro de 1973, minha opção pela carreira acadêmica me levou a ser admitido no Departamento de Energia do ITA, como professor Auxiliar de Ensino. Convidado a vir trabalhar no Laboratório de Energia Solar da UFPb, juntamente com o meu orientador do Mestrado, decidimos nos mudar para João Pessoa onde pude desenvolver a minha dissertação defendida em 1978, em São José dos Campos.

Quando chegamos encontramos um Campus muito bonito em local próximo ao centro de cidade mais ainda com poucos prédios construídos. A reitoria da Universidade estava num processo de mudança do edifício próximo à Lagoa para o novo Campus (veja na figura como era o Campus naquela época). A pesquisa em Energia Solar precisava se afirmar como uma alternativa viável para que pudesse vir a ser largamente aplicada no país.

Em João Pessoa nos juntamos a um grupo de pesquisadores locais que tinha uma forte presença no cenário nacional, regional e mundial com seus trabalhos experimentais e sua contribuição conceitual. (Veja o forno solar do Laboratório de Energia Solar e no fundo o prédio de pesquisa financiado pela FINEP). Com o fortalecimento do grupo e com a ampliação das áreas de pesquisa, o Laboratório de Energia Solar de João Pessoa passou a cooperar com vários outros grupos de pesquisa em energias alternativas de todo o mundo.

Ao iniciar minha carreira de pesquisador, fiz a aplicação para a Sociedade Internacional de Energia Solar de modo a receber as melhores e mais atualizadas publicações da área (Veja a carta de admissão como sócio da Sociedade Internacional). Na época não tínhamos a facilidade de ter acesso às publicações científicas que a Internet veio a disponibilizar na atualidade. Cada viagem que fazíamos ao “Sul Maravilha”, principalmente na época do Natal e do Ano Novo, voltávamos com cópias xerográficas dos “papers” que buscávamos nas bibliotecas da USP, da Unicamp e do ITA, que serviam de referência para a dissertação que estávamos escrevendo. Fui então admitido como professor no Depto de Águas e Energia do Centro

de Tecnologia (CT) e Nancy havia sido selecionada para o mestrado de Psicologia na UFPb, tornando-se professora concursada no Departamento de Psicologia do CCHLA.

Mas, em paralelo, as condições políticas no Brasil não eram fáceis. Estávamos em plenos “Anos de Chumbo”, no auge da repressão política da Ditadura Militar, que atingia e atacava o Movimento Estudantil, com o fechamento da UNE (União Nacional dos Estudantes), com a prisão das lideranças dos estudantes, com a prisão arbitrária de jornalistas e dos opositores do regime de exceção que se estendia por todo o Brasil, com seus tentáculos nas Universidades e seus “arapongas”, vigilantes do regime.

Na UFPb, em João Pessoa, um conjunto muito expressivo de jovens professores chegava de todos os cantos do país. Principalmente da UnB, muitos chegaram com o novo Reitor Lynaldo Cavalcanti e encontraram um clima de recepção acolhedora por parte de colegas da “terra”, mas também uma forte campanha de xenofobia pelos jornais locais (1). Esse contexto adverso e a própria necessidade de apoio mútuo, pois ali estávamos sem familiares próximos, nos levou a nos juntarmos.

A proposta de criação de uma Associação Docente se espalhou como “fogo em capim”. Em 1978 participei da Comissão Provisória para a fundação da AD, sobre a presidência do Sandro Meira e trabalhamos na elaboração de uma proposta de estatutos da Associação, que em uma Assembleia de 85 professores, reunidos no Auditório do Centro de Tecnologia CT, fundou a ADUF em 25 de outubro de 1978 (2). Era a ADUFPb-JP (seção João Pessoa) já que a UFPb já tinha o Campus de Campina Grande e lá também se estava criando a ADUF.

A Associação Docente tinha como objetivos: a defesa jurídica dos interesses profissionais dos docentes, a defesa da qualidade do ensino e da pesquisa, a luta pela autonomia universitária, além do encaminhamento aos organismos regionais e nacionais dos docentes, de posicionamentos decididos em Assembleia, em relação aos problemas centrais da Realidade Nacional que se colocavam para a Sociedade Brasileira. (3)

Para a gente não achar que tudo era muito sério e pesado entre nós, vou contar uma lembrança pessoal e curiosa nestes tempos da criação da Associação Docente. Estávamos, eu, Sandro Meira, César Bonato (da primeira diretoria) e outros colegas da comissão provisória preparando as filiações da recém-criada Associação. Como definir a ordem de inscrição daqueles que ali estavam, como escolher o primeiro associado? Depois de um bom tempo de argumentação a favor de um ou a favor de outro, entre os que se apresentaram para tão honrosa posição, achou-se por bem fazer um sorteio entre os presen-





Professor Maurício Roriz, da Arquitetura, comigo na Praça dos Cem Réis, em João Pessoa, durante a paralisação de agosto de 1980



Momento de um lanche com acarajé no intervalo da Reunião Nacional Extraordinária das ADs, realizada em Salvador/BA, em 1979

tes. Acabei eu sendo o sócio número um da ADUFPb, por conta da sorte, mas que me deixa orgulhoso do acaso ter me colocado abrindo a fileira dos muitos associados que viriam dali em diante. Até hoje, em 2023 a ADUF continua aumentando seu quadro de associados. Foi a única vez na vida que fiquei em primeiro lugar.

Mas voltemos a lembrar da história. O Movimento Docente se articulava em todo o Brasil, estávamos nos preparando para criar a Entidade Nacional que representasse os Docentes do Ensino Superior. Em setembro de 1979 a ADUFPb esteve representada na Reunião Nacional Extraordinária das ADs em Salvador na Bahia. A criação da entidade Nacional amadurecia em meio ao abrandamento da repressão política e ao avanço de criação de organizações representativas da Sociedade brasileira.

Durante o ENAD na PUC de São Paulo em 1979, João Pessoa foi escolhida para sediar o segundo ENAD, que ocorreu de 25 a 29 de fevereiro de 1980, no Campus de João Pessoa. Nossa diretoria (a Segunda Diretoria, na qual destaco a participação efetiva da Joana Neves, do Paulo Adissi e da Neiliane Maia) juntamente com colegas da Primeira Diretoria (presidida pelo Silvio Frank Alem) como a Tereza Campello, organizou o ENAD de João Pessoa, com grande envolvimento dos colegas recebendo em suas (nossas) casas colegas de todas as Universidades brasileiras. Nessa época o ministro da Educação (que não era ministro, mas estava ministro) preparava uma minuta do plano da carreira docente que seria implantada nacionalmente. De algum modo (do qual não fiz questão de saber qual) tivemos acesso a essa minuta e pudemos fazer a discussão do plano de carreira do governo da época no próprio encontro. Também ali já amadureciam as articulações para a criação da Entidade Nacional.

Em agosto de 1980 participamos das primeiras greves. A primeira delas, uma paralisação por 4 dias contra a demissão dos professores Sonia, Juarez e Cignoli, do Departamento de Arquitetura do Centro de Tecnologia (CT). Na sequência haveria a primeira Grande Greve Nacional pela melhoria salarial e por um Plano de Carreira Docente que valorizasse a Titulação

Acadêmica e o tempo de Dedicção ao Magistério. Era uma resposta contra a existência das cátedras docentes que eram apropriadas por antigos professores (principalmente nas Faculdades de Direito e nas Faculdades de Medicina) e que não possibilitavam a renovação nos modos de ensino-aprendizagem que a modernidade trazia.

A greve era um modo de nos comunicarmos com a Sociedade. Saíamos da “Torre de Marfim” que a Universidade Brasileira se tornara com as Cátedras Docentes e levávamos a Universidade para a praça pública. Ensinado e Apreendendo. A praça dos Cem Réis no centro de João Pessoa recebia nossas manifestações. Era uma via de mão dupla: da Universidade para a Sociedade e da Sociedade para a Universidade. Ensinar e Aprender .

Foi esse acúmulo de acontecimentos que levou a fundação da A.N.D.E.S. (Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior), “aos dezenove dias do mês de fevereiro de 1981, no Teatro do Centro de Convivência Cultural de Campinas, no Estado de São Paulo” como relatado pela ata de número um de Fundação da A.N.D.E.S. O Congresso Nacional de Docentes Universitários, com 317 delegados inscritos, 287 delegados credenciados, 67 Associações de Docentes, acabava de fundar a ANDES - Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior.

Eu e Nancy tivemos nossos filhos em João Pessoa. Foi lá que cresceram num ambiente de amizade, alegria e muito sol e muita praia, com gente muito querida como Aurélio e Gracita, Sonia e Zé Aldo e muito mais amigos, como a Célinha da ADUF, o Francisco Belo e o Severino, do L.E.S., amigos que fizemos nessa nossa passagem pela Paraíba. Em 1988 fui homenageado no VIII CONAD. Quem entregou o diploma foi o Paulo Adissi, amigo e companheiro em todo esse processo de vida. Quem recebeu a homenagem foi o Gustavo, meu filho. Parecem que os dois dançam juntos na foto. A mesma música, no mesmo e coordenado passo. E assim que me sinto ao encerrar esse meu relato. Na mesma música, no mesmo passo dos bons amigos da Paraíba.

REFERÊNCIAS

1. LYRA, Rubens Pinto. In **Conjuntura Social e Política** (2016) reprodução do artigo publicado na revista Escrita/Ensaio (1980) sobre Campanha Política xenófoba na imprensa paraibana contra professores da UFPb vindos de outros estados ou estrangeiros.
2. ALEM, Silvio Frank. **ADUFPb-JP/Seção Sindical da ANDES-SN: quinze anos, os primeiros, os próximos-** In Memória (1978- 1998) 20 anos ADUFPb-JP/SSind
3. SANTOS, Dorinha Limeira. **Origem do Movimento Docente na UFPB: o peso político dos professores colaboradores** – In Memória (1978-1998) 20 anos ADUFPb-JP/Seção Sindical